

# **L'EDUCAZIONE SALESIANA DAL 1880 AL 1922**

**ISTANZE ED ATTUAZIONI  
IN DIVERSI CONTESTI**

**Volume II**

a cura di

**Jesús Graciliano González, Grazia Loparco,  
Francesco Motto, Stanisław Zimniak**

ASSOCIAZIONE CULTORI STORIA SALESIANA – ROMA

---

STUDI - 2

*L'educazione salesiana dal 1880 al 1922.  
Istanze ed attuazioni in diversi contesti*

Volume II

Relazioni regionali: America

a cura di

Jesús Graciliano González, Grazia Loparco,  
Francesco Motto, Stanisław Zimniak

Atti del 4° Convegno Internazionale di Storia dell'Opera salesiana  
Ciudad de México, 12-18 febbraio 2006

LAS - Roma

© 2007 by LAS – Libreria Ateneo Salesiano  
Piazza dell'Ateneo Salesiano, 1 – 00139 Roma

ISBN 978-88-213-0652-6

Stampa: Tipografia ABILGRAPH srl  
Via Pietro Ottoboni, 11 – Roma  
Finito di stampare nel mese di maggio 2007

# **A ATUAÇÃO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA NA EDUCAÇÃO OFICIAL «INSTITUTO NOSSA SENHORA AUXILIADORA» – CACHOEIRA DO CAMPO, MINAS GERAIS – BRASIL (1904-1922)**

*Maria Imaculada da Silva\**

*Isabella Carvalho de Menezes\*\**

## **Introdução**

Este trabalho consta de uma leitura da história do Instituto Nossa Senhora Auxiliadora em Cachoeira do Campo, no período de 1904 a 1922. A análise da instalação da obra possibilita perceber a abrangência de sua ação educativa, com foco na educação pública, contribuindo para a história da educação de Minas Gerais.

Animado pelo espírito missionário que identifica a Congregação Salesiana, um grupo de Irmãs parte de Guaratinguetá (SP), para Cachoeira do Campo, dando um passo de expansão à obra salesiana.

Guiadas pelas orientações de Madre Marina Coppa, então Conselheira Escolar Geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora na época, as Irmãs aplicaram com eficácia o Sistema Preventivo de Dom Bosco no pequeno arraial mineiro. As orientações, transmitidas por meio de circulares e conferências, eram um apelo para que a missão educativa salesiana favorecesse a maturação da mulher cristã, modo de ser da Filha de Maria Auxiliadora como professora e como religiosa, e estilo da comunidade educativa. Porém as irmãs realizam a peculiar tarefa de educar os meninos através da Educação Oficial.

Para a execução da pesquisa, tomou-se como fonte primeira as Crônicas da Casa, valiosos registros do fazer diário das Irmãs. Em seguida, outros documentos afins, como as Atas da Casa, os Termos de Visita e outros impressos e manuscritos. Foram visitadas instituições, como o Arquivo Público Mineiro, o Ludo do Museu em Ouro Preto, a Cúria da cidade de Mariana, a Inspetoria Madre Mazzarello e o Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa. Utilizou-se de bi-

\* Filha de Maria Auxiliadora, pedagoga, Diretora do Colégio Auxilium, Anápolis – GO (Brasil).

\*\* Brasileira, historiadora, Belo Horizonte, MG (Brasil).

bliografia diversa, no que tange ao assunto tratado. Os relatos orais de ex-alunas do colégio preencheram algumas lacunas deixadas pela escassa documentação disponível.

O primeiro passo da pesquisa foi a construção gradual de uma cronologia histórica da obra de Cachoeira do Campo, que permitiu confrontar as fontes e relacionar temporalmente os acontecimentos históricos mais significativos. Possibilitou, ainda, a percepção da coerência dos fatos históricos, no parecer das diversas pessoas e entidades ligadas direta ou indiretamente à mesma.

Quanto ao aspecto formal, o texto estrutura-se em três partes.

A primeira é dedicada ao contexto. Inicialmente, um panorama de Cachoeira do Campo, outrora um arraial, hoje o maior distrito pertencente à cidade de Ouro Preto. Em seguida, é traçada a situação político-econômica nacional, focalizando os elementos marcantes do período conhecido como Primeira República. O ambiente eclesial dos anos iniciais da República é fortemente marcado pelo clima anticlerical, que justifica, em grande medida, a chegada das ordens religiosas ao país. A primeira parte apresenta, ainda, uma breve discussão do modelo pedagógico vigente no Brasil, em confronto com a Pedagogia salesiana.

A segunda parte trata, especificamente, da presença das Filhas de Maria Auxiliadora em Cachoeira do Campo: o significado de sua chegada, a instalação da primeira comunidade, a finalidade da vinda, como se inseriram no espaço eclesial e os recursos e barreiras que constituíram o processo natural de instalação de uma obra nascente.

Por fim, a terceira parte refere-se à ação educativa das Filhas de Maria Auxiliadora em Cachoeira do Campo. O internato, o externato, o oratório festivo, as associações e empenho na educação oficial. No mesmo tópico discorre-se sobre o elemento central deste ensaio, ou seja, a marca deixada pelas Filhas de Maria Auxiliadora na sociedade local, com o estilo de educar: presença forte de mulheres combativas, que no início do século XX perseguem espaços mais promissores para a população que mais tarde testemunharia a tenacidade, a inteligência e o zelo amoroso revelados na têmpera missionária das Irmãs.

## 1. Contextualização

### 1.1. *Cachoeira do Campo*

Cachoeira do Campo, cenário deste estudo, é atualmente o maior distrito da cidade mineira de Ouro Preto. Sua data de fundação é imprecisa. Acredita-se que o primeiro morador fixou-se no local ainda no século XVII. A partir daí, vieram outras famílias de aventureiros e bandeirantes<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Nome dado ao indivíduo que integrava expedições conhecidas como bandeiras. O bandeirante embrenhava-se pelo interior do território, em busca de mão-de-obra indígena e à procura de metais e pedras preciosas.

Por reflexo da proximidade e ligação com a cidade mineradora de Ouro Preto<sup>2</sup> Cachoeira do Campo desfrutou de relativa prosperidade durante o século XVIII, dedicando-se à atividade agrícola. No século XIX, adveio o esgotamento da produção aurífera e a conseqüente estagnação econômica na região. A riqueza e o fausto rapidamente cederam lugar à pobreza e à simplicidade.

Quando as Irmãs Salesianas estabeleceram-se em Cachoeira do Campo, na primeira década do século XX, as perspectivas econômicas para os pouco mais de dois mil habitantes eram quase nulas. A atividade agrícola estava em franco declínio. A infra-estrutura do arraial era precária. Não havia luz elétrica ou qualquer outro sistema de iluminação pública<sup>3</sup>. Uma única linha telefônica servia o arraial. Cavalos e carros de boi eram os meios de transporte disponíveis. Somente os lares mais abastados tinham acesso à água e ao tratamento do esgoto.

Atividades sociais no arraial eram igualmente escassas. Não havia cinema, teatro, clubes, parques ou outras opções de lazer para a população. O arraial, normalmente quieto e sonolento, tomava aspectos festivos quando havia celebrações religiosas, como a Semana Santa, a Folia de Reis e a Festa do Divino. Durante o dia era comum a conversa amistosa na praça e em frente às casas. As serestas e as bandas, quando se apresentavam, preenchiam a vida noturna do arraial.

A Paróquia local, de Nossa Senhora de Nazaré<sup>4</sup>, era comandada pelo Vigário Padre Afonso Henrique de Figueiredo Lemos (1847-1911). O Vigário teve forte representatividade não só religiosa, mas também sócio política no arraial. Padre Afonso participou ativamente de quase todas as obras sociais e de caráter coletivo de Cachoeira. Foi responsável, por exemplo, pela instalação do primeiro sistema de água encanada e pela instalação do primeiro telefone. A população dedicou grande amor pelo Vigário, sendo sua memória referendada até os dias de hoje.

A principal obra do Vigário em Cachoeira do Campo, contudo, deu-se no campo da educação. A partir da década de 1870, Padre Afonso começou a organizar, com grande esforço, um sistema voluntário de ensino público, com «escolinhas» funcionando nas casas ou na capela. Em pouco tempo, havia uma escola pública razoavelmente estruturada em Cachoeira. Mas a obra carecia de um amparo institucional maior, para assegurar sua continuidade. Foi então que o Padre Afonso Lemos idealizou a ação educativa Salesiana no arraial e dela foi um incansável apoiador.

<sup>2</sup> Em meados do século XVIII, fase de apogeu da mineração, Ouro Preto foi o principal centro comercial, cultural e populacional do Brasil. O metal começou a ser explorado ali em 1698, dando origem a um arraial. Em 1711, o arraial foi elevado a Vila e, em 1823, a Cidade Imperial e capital da Província de Minas Gerais. Paralelamente à formação histórica de Ouro Preto, desenvolveram-se, nos arredores, outros vilarejos, que deram origem aos seus atuais distritos.

<sup>3</sup> A inauguração solene da luz elétrica na Casa das Irmãs Salesianas ocorreu somente em 1926.

<sup>4</sup> Naquele tempo, a enorme Paróquia abrangia, além de Cachoeira do Campo, Santo Antônio do Leite, São Gonçalo do Amarante, Engenheiro Corrêa, São Julião (Miguel Burnier), Usina Wigg, Conceição dos Alemães, Tabuões, entre outras localidades.

## 1.2. *Contexto político-econômico nacional*

Nas primeiras décadas do século XX, o Brasil adaptava-se à transição do regime monárquico para o republicano. A proclamação da República, em 1889, e a libertação dos escravos, um ano antes, abriram a possibilidade de uma alternativa histórica nova para o país, pautada no exercício da cidadania, ampliada a setores da população anteriormente marginalizados.

A primeira constituição republicana deixou aos governos estaduais a tarefa de incrementar a educação pública primária. Porém, enquanto o país viveu sob o domínio de uma economia agrário-exportadora, não houve praticamente interesse governamental pela educação das camadas populares<sup>5</sup>.

Com a República, o Brasil mudou a forma de governo, trocou de bandeira, ganhou Constituição nova, separou a Igreja do Estado. Mas a situação social e econômica do Brasil não sofreu alterações substanciais. A riqueza nacional continuou concentrada em poucas mãos, enquanto predominava na economia um sistema de monocultura, com a produção voltada à satisfação do mercado externo.

## 1.3. *A Igreja Católica na Primeira República*

O Catolicismo foi a ferramenta mais poderosa de organização e de controle da vida brasileira por longo período. No Brasil colonial (1500-1822) e imperial (1822-1889), prevaleceu o regime de Padroado<sup>6</sup>, que assegurava aos monarcas o direito de administrar os assuntos religiosos, subordinando as necessidades da Igreja aos interesses da Coroa. Vigorou a união entre o Estado e a Igreja.

Ao instaurar-se a República, uma das primeiras providências do governo foi a separação oficial entre a Igreja e o Estado, ou seja, o fim do regime de Padroado. Os republicanos percebiam a religião, sobretudo em sua representação política, como o grande obstáculo ao progresso do país. Defenderam um catolicismo íntimo, para o uso privado, sem ritos, sem procissões, sem novenas, sem terços nem cultos a Maria nos oratórios ou nas capelas das casas. O clima do Brasil republicano foi de secularização.

O anticlericalismo defendido pelo estado, entretanto, esbarrou no fervor religioso da população. O povo, indiferente às questões modernizadoras, manteve suas manifestações religiosas. A Igreja buscou apoio no sentimento religioso da população, como forma de afirmar poder perante o estado.

No período, a Igreja fez proliferar o número de dioceses e prelazias no Brasil. Uma figura determinante no trabalho de recristianização, no âmbito da Diocese de Mariana, Minas Gerais, foi o bispo Dom Silvério Gomes Pimenta.

<sup>5</sup> Ao final do Império, o país tinha uma população de 14 milhões de habitantes e apenas 250 mil alunos nas escolas primárias. Dado do Censo Demográfico de 1890.

<sup>6</sup> O Padroado Régio da Ordem de Cristo foi instituído pela bula *Inter Coetera* de 1494 e formalizado pela Bula *Praeclara Carissimi* de 1551.

Sua luta pela manutenção do ensino religioso na escola pública teve como intuito garantir o maior número de pessoas possível voltado para o pensamento da Igreja.

Reforçando a atuação da Igreja Católica, instalaram-se no país as ordens religiosas – Lazaristas, Redentoristas e Salesianos – que atuaram nas esferas da evangelização e da educação. As congregações atenderam a um chamado do episcopado brasileiro para que viessem fundar escolas católicas. Foi, portanto, através do saber letrado que a Igreja redefiniu seu papel na sociedade republicana, buscando ampliar o poder que detinha desde os tempos coloniais.

#### 1.4. *Confronto entre o modelo escolar vigente e a prática salesiana*

O modelo de organização escolar em vigor no Brasil nos primeiros anos da República – e que foi moldado durante o período imperial – foi a denominada «Escola Tradicional». Nesse modelo, a relação professor-aluno é a de «superior-adulto que ensina» a «inferior-aluno que aprende» mediante a instrução, e em clima de forte disciplina, ordem, silêncio, atenção e obediência. Os professores raramente sorriam. A relação era fria e distante, pois qualquer envolvimento emocional poderia comprometer o resultado do trabalho pedagógico. As punições e os castigos não raro denegriam a imagem do aluno. Por outro lado, aqueles que alcançavam os objetivos eram exaltados por meio de premiações. A preocupação do professor centrava-se na memorização e na repetição dos conceitos. O controle da aprendizagem realizava-se unicamente mediante exames, que refletem a capacidade de retenção de conhecimento por parte dos alunos. A Escola Tradicional foi marcada pelo cunho passivo, autoritário e repressor de se fazer educação.

A instalação da obra educativa salesiana no Brasil deu-se no contexto da Escola Tradicional e, como tal, guiou-se pelos seus preceitos. Utilizou-se dos elementos positivos da Escola Tradicional, conferindo-lhes, porém, abordagem pedagógica diferenciada, fundamentada no Sistema Preventivo de Dom Bosco. A Coleção de Orientações Didáticas elaboradas e conferidas à atividade educativa das irmãs em 1907, determina que o melhor modo para ensinar é aquele que se dá por afeto. Ao contrário da prática tradicional, a orientação didática salesiana valoriza o aluno e respeita a sua possibilidade intelectual:

«[...] mesmo aquele com maior dificuldade de mente e mais tardio em aprender, pode compreender. Não faça menos de qualquer cognição intermediária entre aqueles que aprenderam e outros que quer fazer aprender. Não termine a lição sem que os alunos tenham apreendido as novas cognições. [...] Proporcionalidade, respeito à mente dos alunos, operosidade e atenção constante do aluno. Disciplina, ordem, silêncio, atenção geral do aluno»<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Collezione di Elementi di Metodica ed altre Norme per le Maestre. Manuscrito de 1907.



## 2. As Filhas de Maria Auxiliadora em Cachoeira do Campo

### 2.1. *Recepção*

As primeiras Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora chegaram a Cachoeira do Campo no dia 11 de fevereiro de 1904. Na estação ferroviária de Henrique Hargreaves, autoridades locais aguardaram a chegada do trem para dar-lhes as boas-vindas. Após a recepção simples, mas cordial, na estação, as Irmãs seguiram a cavalo para o arraial. A cavalgada durou uma hora e meia.

Na entrada do vilarejo, numerosas pessoas estavam reunidas para saudar a chegada das Irmãs. A festa foi incrementada pela música da banda local e pelas badaladas alegres dos sinos. Foi um dia movimentado e atípico no arraial.

O primeiro contato das Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora com a população de Cachoeira do Campo foi marcado pela receptividade e cordialidade. A chegada das religiosas trouxe um novo alento para as pessoas do lugarejo e reacendeu a esperança de dias mais promissores.

### 2.2. *Primeira comunidade e acomodações*

Provenientes de Guaratinguetá – SP, seis Irmãs fundaram a comunidade das Filhas de Maria Auxiliadora em Cachoeira do Campo: Giusta Civallero, nascida em Boves (Cuneo) no dia trinta de agosto de 1870 e falecida em Coxipó da Ponte (Brasil) em 26 de novembro de 1941. Professora aos vinte e dois anos. Em Lorena foi cozinheira e diretora. Sincera e alegre, espírito de sacrifício, serena, abandonada, sacrificada, industriosa, modesta, toda caridade; Natalina Ferraris, nascida em Meana de Susa (Turim) no dia 18 de dezembro de 1875 e falecida em São José dos Campos (Brasil) no dia 7 de julho de 1949. Fez a primeira profissão aos vinte e dois anos. Provavelmente a sua instrução superava o nível elementar. Trabalhou como professora de costura e bordado. Foi diretora de hospitais e superiora durante quarenta anos. Georgina Carvalho, nascida em Cuiabá (Brasil) no dia 22 de junho de 1873 e falecida em Três lagoas (Brasil) no dia 2 de maio de 1956. Fez a primeira profissão aos vinte e nove anos. Era uma professora admirada e desenvolvia sua tarefa com eficácia formativa e com viva satisfação das famílias. Não se contentava em aprender noções, mas aprofundava a verdade e os comportamentos morais e religiosos que decorriam de tais conteúdos. Rosina Pomati, nascida em Caresana (Vercelli) no dia 9 de junho de 1871 e falecida em Cachoeira do Campo (Brasil) do dia 18 de outubro de 1950. Fez a primeira profissão aos vinte anos. Possuía um temperamento decidido, sacrificado e um grande zelo apostólico. Foi diretora e ecônoma. Ethlinda Carvalho, nascida em Jahii (Brasil) no dia 18 de fevereiro de 1862 e falecida em Lorena (Brasil) no dia 5 de outubro de 1930. Fez a primeira profissão aos trinta e quatro anos. Dominava todo tipo de costura. Possuía um temperamento pouco feliz, mas se destacou pela humildade, caridade e espírito de pobreza. Joana Soares, nascida em Lorena (Brasil) no dia 4 de julho de 1870 e falecida no dia 25 de fevereiro de 1952. Fez a primeira profis-

são aos trinta e quatro anos. Trabalhou na lavanderia e rouparia. Manejava bem a máquina de costura e costurava com muita perfeição. O grupo chegou a Cachoeira do Campo acompanhado pela Madre Visitadora, Ana Maserà.

As jovens irmãs se destacavam por uma viva piedade, espírito firme e humano, marcado pela humildade, caridade e capacidade de trabalho. Era a experiência que traziam consigo. Todas praticamente entendiam de costura e se dedicavam com gosto às atividades domésticas. Desdobravam-se no esmero pela educação. É explícito que Irmã Natalina foi além da educação elementar e que Irmã Georgina possuía o diploma de professora. Porém como afirma Piera Cavaglià:

«Non devi però aspettarti delle lauree in suore addette alla cucina e alle missioni. Avevano la laurea della gioia e della generosità!»<sup>8</sup>.

Irmã Giusta Civallero foi a primeira diretora da comunidade, permanecendo na função até janeiro de 1909. As Irmãs: Natalina Ferraris, Georgina Carvalho e Rosina Pomati vieram na condição de professoras. Irmã Ethlinda exerceu a função de costureira e Irmã Joana Soares foi encarregada dos trabalhos gerais. A primeira comunidade foi composta por um reduzido número de Irmãs. Nos anos seguintes, o quadro não se modificou, variando entre três e oito o número de religiosas componentes da Casa.

Ao chegarem a Cachoeira do Campo, as Irmãs instalaram-se no sobrado (hoje demolido) pertencente ao Vigário Padre Afonso, localizado ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré. O sobrado foi a primeira residência e o local onde se desenvolveu a obra educativa das Filhas de Maria Auxiliadora durante nove anos.

A permanência das Irmãs no sobrado teve um caráter provisório, apesar do longo período de tempo. Na verdade, as Irmãs esperavam construir uma sede própria para abrigar o Colégio Maria Auxiliadora, sobre as ruínas do antigo Palácio dos Governadores<sup>9</sup>. As terras compreendiam vastas extensões e foram doadas aos Salesianos de Dom Bosco pelo Governo de Minas, em 1893.

Os trabalhos de construção do Colégio começaram no dia 19 de março de 1911. Supõe-se que um dos fatores que contribuiu para o atraso das obras de construção foi a dificuldade financeira, embora não existam documentos que comprovem a afirmação.

As Irmãs mudaram-se do arraial para a Casa definitiva, edificada sobre as ruínas do Palácio dos Governadores, no dia 29 de março de 1913. Anexa à Casa, foi construída uma capela pública, que teve a primeira missa realizada no dia seguinte à mudança.

<sup>8</sup> E-mail, 25 de agosto de 2006.

<sup>9</sup> O Palácio dos Governadores foi construído no século XVIII, para residência dos governadores da Capitania de Minas. Dotado de todo conforto, o Palácio possuía salões, jardins, pomares e até um lago artificial. Suas ruínas estavam ligadas à mais bela página da história brasileira, pois aí se tratavam todos os seus negócios de maior importância. (*Crônicas da Escola Nossa Senhora Auxiliadora*, 1911).

### *2.3. Finalidade da obra nascente*

As Irmãs chegaram a Cachoeira do Campo com a dupla finalidade de atender a uma necessidade local – e governamental – de administração do ensino público e, ao mesmo tempo, «educar a mente e o coração das crianças e meninas da região; na expectativa de abrir um Internato para alunas de média condição»<sup>10</sup>. Ambas as finalidades são convergentes e resumem-se em uma: implantar uma nova missão educacional.

As Irmãs estenderam a obra educativa à população do arraial como um todo. Gente simples, de ambos os sexos, de várias classes sociais, predominantemente pobres, foram os destinatários da obra.

### *2.4. Inserção na Igreja e na comunidade local*

Bem inseridas na Paróquia local desde que chegaram, as Irmãs prestaram à comunidade o serviço educacional e a formação moral e eucarística das crianças, dos adolescentes e adultos. Participaram de tudo com o povo: missas diárias e dominicais, bênção eucarística, orações, procissões, festas de São José, do Sagrado Coração de Jesus e da Imaculada e de solenes liturgias da Semana Santa e do Corpo de Deus.

Logo no primeiro ano da fundação, elas incrementaram a Associação da Pia União das Filhas de Maria Imaculada. O mês de Maria Auxiliadora e as datas marianas foram celebrados com fervor e solenidade.

O envolvimento das Irmãs na comunidade local foi alargado por meio da escola e do Oratório Festivo, do teatro e das festas religiosas. Escola e Paróquia efetuaram uma colaboração comprometida na formação moral, catequética, eucarística e mariana do povo de Cachoeira do Campo.

### *2.5. Recursos, barreiras e elementos facilitadores da instalação da obra*

Até o início do século XX, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora dependeu juridicamente dos Salesianos. Os bens eram compartilhados e os superiores e inspetores salesianos também o eram para as Irmãs. Em 1906, houve o desligamento oficial entre os Salesianos e o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. A partir dessa data, conforme procedimentos do Instituto, as Irmãs Salesianas exerceram a autonomia jurídica e financeira. Em cada obra, elas tiveram iniciativa para captar verbas e aplicar adequadamente os recursos.

Na obra de Cachoeira do Campo, em particular, os recursos afluíram de variadas fontes. As principais foram as ofertas dos benfeitores, os subsídios governamentais e o apoio da Igreja e dos Padres Salesianos.

O primeiro colaborador foi o Vigário Padre Afonso Lemos, que, além de

<sup>10</sup> Resumo Histórico, 1996.

ceder a morada provisória para as Irmãs, ofereceu todo o apoio moral e financeiro para a obra nascente. A Crônica da Casa registra ofertas de outros benfeitores, entre eles, o coronel Ignácio Carlos Murta, cooperador salesiano, e as senhoras da região, Alice da Silveira Wigg e Georgina da Cruz Dalle. Muitas famílias de Cachoeira colaboraram com as Irmãs na provisão da Casa, desde o começo.

Em 1907, houve o primeiro subsídio do governo, que constou de duas parcelas de 500\$00. Em 1911, quando iniciaram as obras de construção do Colégio, as Irmãs Rosina Pomati (diretora) e Angelina de Sousa (professora) foram a Belo Horizonte solicitar novo auxílio financeiro ao Congresso. Na ocasião, conferenciaram com o Presidente do Estado de Minas, Sr. Bueno Brandão, que prometeu auxílio anual para as referidas obras. Comprometeu-se, ainda, a conceder passes gratuitos de estrada de ferro para a viagem das Irmãs a Guaratinguetá-SP, por ocasião do Retiro. Nas Câmaras, o pedido de auxílio foi bem recebido «e vários senadores e deputados mostraram interesse e amor à dita obra»<sup>11</sup>. No ano de 1911, o Congresso concedeu um auxílio de 2.000\$000 para a construção do Colégio. Nos anos seguintes, o subsídio se repetiu. Em 1920, o presidente da Câmara Municipal de Ouro Preto enviou em benefício da Casa a quantia de 400\$000 e, a partir de 1921, a Casa recebeu, por sucessivas vezes, o auxílio financeiro do Secretário do Interior e da Educação.

As Irmãs movimentaram-se constantemente em busca das provisões. No entanto, mesmo com os benefícios relatados acima, a situação econômica da obra de Cachoeira do Campo não foi confortável e faltaram recursos para manter a Casa. Dificuldades internas, de ordem financeira, agiram como uma barreira ao desenvolvimento da obra. Como não poderia deixar de ser, a própria escassez econômica do arraial refletiu no funcionamento da obra educativa, pois o número de alunas, cujas famílias tinham condições para manter as matrículas, permaneceu estável e reduzido ao longo dos anos.

A instalação e o funcionamento inicial da obra encontraram, ainda, como obstáculo, a precária infra-estrutura urbana do vilarejo naquele primeiro quartel do século XX. Falta de água encanada e de luz elétrica, dificuldades de transporte e comunicação e doenças epidêmicas exigiram grandes sacrifícios e esforços para a manutenção da obra educativa.

Em contrapartida, pelo menos cinco fatores influenciaram positivamente a instalação da obra. Em primeiro lugar, a disposição do grupo. Munidas de fé, união e bondade, as Irmãs tornaram-se audaciosas para enfrentar a realidade desafiadora que as aguardava.

Um segundo fator foi a receptividade com a qual as autoridades e o povo de Cachoeira do Campo receberam as Filhas de Maria Auxiliadora. A expectativa pela chegada das religiosas traduziu o anseio da população pela intervenção educativa ora iniciada por elas.

<sup>11</sup> *Crônicas...*, 1911.

A presença dos Padres Salesianos em Cachoeira do Campo, onde se encontravam desde 1896 dirigindo as Escolas Dom Bosco, foi outro elemento facilitador. Os acolhedores vizinhos ofereceram segurança, estímulo e o mais completo apoio à obra das Irmãs. Animaram-nas na espiritualidade, com cerimônias religiosas e conferências ricas de ensinamento moral e religioso e na divulgação do carisma salesiano.

A acolhida e o incentivo incondicional do Vigário Padre Afonso, com toda a sua representatividade, foram fundamentais para garantir e facilitar a inserção das Irmãs na Paróquia local.

Por último, quando as Irmãs chegaram, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora já atuava nas proximidades do arraial, dirigindo a Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto. Esta presença garantiu credibilidade e respeito prévios para a obra nascente.

### 3. A prática educativa das Filhas de Maria Auxiliadora em Cachoeira do Campo

#### 3.1. *Externato e Internato: a educação oficial*

##### 3.1.1. Externato

O regime de Externato foi a nota inicial distintiva da obra das Irmãs em Cachoeira do Campo. O «Externato de Nossa Senhora Auxiliadora» foi inaugurado, solenemente, no mesmo dia da chegada das Irmãs, em 11 de fevereiro de 1904. A «Casa de Educação» como também era chamado, foi instalada no sobrado do Padre Afonso.

Houve, inicialmente, um Externato particular, destinado à educação de meninas de média condição. As aulas começaram no dia 7 de março de 1904, com presença de apenas três educandas. Na Crônica do dia, as Irmãs deixaram registrada a esperança de ampliar em muito esse número. Entretanto, as atividades do Externato feminino não vingaram e, no fim do ano letivo de 1908, ele paralisou as atividades.

Paralelamente ao Externato particular para as moças, as Irmãs acolheram a escola pública masculina do arraial, idealizada pelo Vigário Padre Afonso Lemos. O Governo do Estado transferiu a escola para a administração das Irmãs por meio de um decreto, datado de 18 de março de 1904. Presume-se que, da mesma forma como ocorreu com a Santa Casa de Ouro Preto, houve um acordo prévio entre o Governo e o Instituto, deliberando sobre a transferência da escola para a direção das Irmãs.

Um período em que se organizava a instrução pública com Ensino Primário gratuito de 7 a 13 anos, Padre Afonso inaugura a classe masculina em Cachoeira do Campo que se tornou ensino oficial, governamental. Naquele momento em que as irmãs chegaram ao arraial, o ensino era composto apenas pelas classes masculinas, porém inauguraram também uma educação que chegou até às me-

ninas, com um pedido posterior dirigido ao governo, embora para ele, naquele século a prioridade fosse ainda os meninos. As irmãs souberam bem casar o programa didático do Instituto, a prática salesiana com o programa do Estado de Minas Gerais, já que ele servia de base para a análise dos inspetores de ensino. Essa era a prática comum no país.

Para dirigir a escola, foi nomeada a Irmã Luigia Lima, que chegou ao arraial no dia 14 de abril. Irmã Luigia foi professora da única classe masculina até o fim do ano letivo de 1906. Em 1907, Irmã Georgiana Carvalho dirigiu a escola. Entre 1908 e 1913, a Irmã Angelina de Sousa, efetivada no cargo pelo Governo, foi a regente da cadeira pública masculina. Os alunos do 2º, 3º e 4º anos do ensino elementar ficaram aos seus cuidados, enquanto os alunos do 1º ano foram entregues à professora adjunta, Sra. Teresa de Figueiredo Murta. Ambas destacaram-se pela competência e empenho no exercício do magistério. Irmã Cândida Medeiros substituiu a Irmã Angelina de Sousa, na direção da Escola Pública, a partir de 1913. Depois vieram outras professoras, Irmãs e leigas, regularmente nomeadas pelo Estado.

Em 7 de maio de 1912 foi instalada, em Cachoeira do Campo, outra classe estadual masculina, também entregue à administração das Irmãs. Irmã Maria Dolores Gonçalves foi nomeada para regê-la e exerceu a função até 1915, quando faleceu. Foi substituída pela Irmã Maria das Dores Hummel.

Por um decreto governamental de 14 de janeiro de 1914, a cadeira pública masculina, regida pela Irmã Cândida de Medeiros, foi convertida em escola feminina. A mudança atendeu a um pedido especial feito pelas Filhas de Maria Auxiliadora, que, historicamente, têm o ensino das meninas como foco da ação educativa.

Quanto à organização do trabalho escolar, regularmente, as escolas abriam matrícula na primeira quinzena de janeiro e, a partir do dia 15, eram abertas as aulas, com funções religiosas e atividades festivas. Pessoas distintas da localidade se faziam presentes a essas solenidades, como o Inspetor Escolar, o Vigário e Padres Salesianos.

Durante a realização dos exames finais, também era comum a presença das autoridades, convocadas especialmente para serem os examinadores. O encerramento do ano escolar era sempre solene. Ao final de cada ano, fazia-se a promoção dos alunos e a distribuição de prêmios àqueles que mais se destacavam pela aplicação nos estudos ou pelo bom comportamento mantido durante o ano.

No programa escolar, sobressaíam o teatro, o esporte e a música, marcantes características do ensino salesiano. A preparação das meninas para o trabalho foi enfatizada por meio de aulas de bordado, pintura, trabalhos manuais, corte e costura, datilografia, flores e ensino do idioma italiano. Nas freqüentes sessões acadêmicas, as alunas demonstravam suas habilidades em exposições e vendiam seus trabalhos.

Grande era o interesse das famílias do arraial em matricular os filhos. A média de alunos matriculados, até o ano de 1922, foi crescente:

Tabela 1 – Matrículas nas Escolas Públicas

ANO	NÚMERO MATRÍCULAS
1909	50
1911	64
1912	97*
1917	120
1920	178

\*A partir de 1912, entrou em funcionamento a outra classe estadual masculina, que contou com 32 matrículas no ano da inauguração.

A organização do ensino público e o aproveitamento dos alunos foram periodicamente controlados pela visita de autoridades escolares, enviadas pelo Governo. As visitas dos Inspetores às Escolas de Cachoeira do Campo tiveram início em 1909. O Inspetor Escolar local, Coronel Joaquim Fernandes Ramos, visitou as escolas regularmente, examinando os registros escolares, assistindo às aulas e acompanhando a visita dos Inspetores Técnicos. Os enviados do Governo, em geral, atestaram a seriedade do ensino, a competência das professoras e a aplicação dos alunos.

Em 12 de agosto de 1909, o Inspetor Técnico, Arthur dos Santos, mostrou-se muito satisfeito e enviou ao Governo um minucioso relatório do trabalho desenvolvido pelas Irmãs. No mês seguinte, o Inspetor Giuseppe M. de Oliveira felicitou as professoras pelos ótimos resultados obtidos. Em 8 de junho de 1910, o Inspetor Arthur Napoleão Alves Pereira verificou «grande adestramento dos alunos nas diversas disciplinas do curso primário, ordem e disciplina». E acrescentou que «a docente revela preparo e boa compreensão do espírito do programa, que interpreta inteligentemente»<sup>12</sup>.

Sobre o local das aulas, o trabalho da professora Angelina de Souza e as carências da escola, o Inspetor Antônio Ferreira Paulino registrou, em agosto de 1910:

«As aulas funcionam num vastíssimo salão, possuindo 2 bons quadros-negros, 8 carteiras americanas e alguns bancos e carteiras toscos, que são emprestados. (...) A professora é dotada de esclarecida inteligência, preparo e aptidão didática, revelados no adestramento dos alunos, para o que muito concorre o método de ensino seguido, ao qual procura dar o máximo de clareza, simplicidade e concisão. (...) A Escola está desprovida de material e livros; seria de justiça e uma recompensa ao mérito da professora a remessa de uma bandeira nacional, um tímpano, 15 carteiras americanas, mapas, contador mecânico e livros didáticos»<sup>13</sup>.

Em junho de 1912, houve a primeira fiscalização técnica à Escola Pública Masculina, instalada em maio do mesmo ano e regida pela Irmã Maria Dolores

<sup>12</sup> OS TERMOS ... *Crônicas da Escola Nossa Senhora Auxiliadora 1904-1926*.

<sup>13</sup> *Ibid.*

Gonçalves. O Inspetor Escolar, Arthur Napoleão Alves Pereira, percebeu nos alunos «um adiantamento em relação à época da matrícula» e considerou que a docente «interpreta bem o espírito do programa, que aplica inteligentemente»<sup>14</sup>.

Em 1920, o Inspetor Escolar, Sr. Antônio Raimundo da Paixão, em visita à Escola Pública Masculina, exigiu que a professora lecionasse em sua presença. Ficou satisfeito com a organização, higiene e o bom método de ensino. O mesmo elogio fez à professora da Escola Pública Feminina, congratulando-se com esta pelo método que usava, dizendo sê-lo único, mostrando-se satisfatório para o aproveitamento das meninas<sup>15</sup>.

Com base na avaliação positiva dos Inspectores, o Governo não tardou a reconhecer e distinguir o trabalho educativo das Filhas de Maria Auxiliadora em Cachoeira do Campo. Ainda em 1909, o Ministro do Interior enviou um ofício à Irmã Angelina de Sousa, cumprimentando-a pela inteligência e atitude didática, pela boa disciplina dos alunos e regularidade do trabalho escolar. Como recompensa, foi oferecido um prêmio à professora, que consistia em passagem de ida e volta a Belo Horizonte e 8\$000 diários por 15 dias de permanência na capital. Irmã Angelina agradeceu, mas recusou. Em 1912, as Irmãs Angelina de Sousa e Maria Dolores Gonçalves voltaram a receber ofícios do governo, felicitando-as pelos bons resultados obtidos.

A escola de Cachoeira do Campo tornou-se, ao longo dos anos, a principal referência no ensino público da região. Atualmente, a chamada «Escola Estadual Nossa Senhora Auxiliadora» atua no Ensino Fundamental – 1ª a 4ª série, atendendo a 482 alunos, sendo administrada pelo estado<sup>16</sup>. Uma comunidade de Irmãs permanece no local, promovendo o Oratório Festivo para 84 senhoras e 48 adolescentes. Promove, ainda, uma obra social que atende a 212 beneficiados<sup>17</sup>.

De acordo com as Atas da Assembléia do Orfanato Nossa Senhora Auxiliadora, somente os anos posteriores a 1930 mostram detalhamentos da ação educativa. Os anos anteriores carecem de registros.

### 3.1.2. Internato

O funcionamento de um Internato, em Cachoeira do Campo, foi planejado desde a chegada das Irmãs, em 1904. Entretanto, só foi possível iniciar as atividades após a mudança para o prédio do Colégio, que ocorreu em 1913.

No dia 23 de janeiro de 1915 chegou ao arraial a Irmã Maria das Dores Hummel, com a finalidade de iniciar o Internato. As aulas começaram, definitivamente

<sup>14</sup> OS TERMOS... *Crônicas da Escola Nossa Senhora Auxiliadora 1904-1926*.

<sup>15</sup> *Ibid.*

<sup>16</sup> O prédio onde funciona a Escola «Nossa Senhora Auxiliadora» é alugado pelas Irmãs ao estado de Minas Gerais.

<sup>17</sup> INSPETORIA MADRE MAZZARELLO, *Sintonizando*. Belo Horizonte, n. 96, março-abril de 1988.



te, no dia 1º de março de 1915, com seis alunas da terceira série primária<sup>18</sup>. Era comum a presença de alunas externas freqüentando as aulas do Internato.

A organização do ensino no Internato reservava algumas diferenças em relação ao ensino público. Os exames para as alunas eram semestrais e finais, com provas orais e escritas. Autoridades locais também estavam presentes nos dias dos exames. O desenvolvimento do programa, envolvendo trabalhos manuais, música, teatro e esportes, garantia a ampla formação cultural das educandas e a preparação para o trabalho. No fim do ano, havia o encerramento festivo das aulas e a tradicional distribuição de prêmios para as alunas. Em seguida, elas partiam com os pais para o período de férias escolares. A ex-aluna, Sra. Orsina Pereira, conta mais detalhes sobre o cotidiano do Internato:

«Pequenina ainda, conheci o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Era assim: as alunas internas usavam roupas bonitas. Durante a semana, o uniforme era de tecido listrado de preto e branco, gola marinheiro com tiras bordadas. Aos domingos, vestiam uniformes de fustão branco, saia pregueada e gola estilo marinheiro com tiras bordadas. Assim se vestiam as primeiras alunas do Colégio; ficavam muito bonitas. [...] No nosso tempo escolar, nos dias 24 e na 1º sexta de cada mês, as alunas iam à missa, comungavam, depois tomavam café com biscoito de polvilho. [...] Durante o tempo escolar e Oratório, as Irmãs promoviam festas e teatros com as alunas e oratorianas. [...] Do Colégio e das Irmãs guardo uma doce lembrança»<sup>19</sup>.

O Internato funcionou por vários anos com reduzido número de alunas internas e chegou a ter um número nulo de alunas em 1920. A Secretaria do Interior enviou o Inspetor Escolar, Sr. Antônio Raimundo da Paixão, para uma fiscalização no Colégio, especialmente para saber por qual motivo não foram recebidas alunas internas naquele ano.

Tabela 2 – Número de Alunas Internas

ANO	ALUNAS INTERNAS
1915	6
1916	6
1917	3
1918	4
1919	5
1920	0
1921	3
1922	8

<sup>18</sup> Em 2 de junho de 1915, a Irmã Maria das Dores Hummel foi nomeada professora interina da 1ª cadeira do sexo masculino, em substituição à Irmã Maria Dolores Gonçalves, que falecera um dia antes.

<sup>19</sup> Orsina PEREIRA, *Relato Oral*, 2005.

Sendo uma obra pequena, com a presença de poucas Irmãs e número relativamente pequeno de alunas, acrescido da situação precária do local, o Colégio Maria Auxiliadora passou por situações difíceis. Faltavam recursos e era difícil manter as atividades da Casa. A tentativa de se estabelecer ali um Internato não teve o resultado esperado. Sob pressão das necessidades, em 1932, optou-se por transformar o Colégio em Orfanato<sup>20</sup>.

### 3.2. *Oratório Festivo e Associações: a educação ampliada*

#### 3.2.1. Oratório Festivo

O Oratório Festivo é considerado um setor primordial na obra educativa de Dom Bosco. Tem por finalidade «a promoção do bem entre as crianças do povo, reunindo-as nos dias festivos, instruindo-as na prática da Santa Religião e oferecendo-lhes recreação honesta e prazerosa, longe dos perigos do mundo»<sup>21</sup>. As Casas Salesianas tinham, por tradição, um Oratório Festivo anexo.

Segundo Riolando AZZI (2000, p. 307), a organização inicial do Oratório era bastante simples. Escolhia-se um local onde as crianças pudessem ser reunidas – um pátio, um salão, espaço coberto ou capela – a fim de passarem o dia (geralmente domingos e feriados) alegremente, com jogos e brincadeiras. De manhã havia um horário reservado para que pudessem assistir à missa dominical. Era também destinada uma hora para a aula de catecismo, geralmente à tarde. A parte recreativa ocupava um espaço e um tempo importante na vida do Oratório Festivo. Entretanto, as funções religiosas eram a «seiva vital que produzia frutos de virtude moral e religiosa»<sup>22</sup>.

As funções religiosas do Oratório Festivo, de acordo com o Regulamento de 1912, eram assim organizadas: de manhã, a missa, acompanhada das orações, do Santo Rosário e da explicação breve do Evangelho. O horário da missa deve ser favorável para a maioria das oratorianas. Antes e após a comunhão, em voz alta, recitam-se os atos de reparação e agradecimento. À tarde: Véspera ou Rosário, uma breve introdução e a bênção do Santíssimo Sacramento. Aproximando-se qualquer solenidade precedida de novena ou tríduo, avisar às oratorianas para que dela participem o máximo possível. No dia da festa, além da missa e da comunhão geral, seria interessante uma breve missa cantada. No 4º domingo de cada mês, ou em outro dia mais oportuno, se fará o exercício da boa morte, ani-

<sup>20</sup> Riolando AZZI, *As Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil: cem anos de história*. São Paulo, Instituto Filhas de Maria Auxiliadora 1999/2002, v. 2, p. 157. O regime de Internato (que inclui o período de Orfanato) vigorou até 1980.

<sup>21</sup> *Regolamenti per gli Oratori Festivi e per i Giardini d'infanzia*. Torino, tip. Silvestrelli e Cappelletto 1912.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 20.

mando as meninas a se prepararem mais cuidadosamente para os SS: Sacramentos da Confissão e da Comunhão [...] Onde for possível, introduza-se o pio exercício do mês Mariano e, onde não se pode, faça-se ao menos, com solenidade, a novena que precede a festa de Maria Auxiliadora, nossa especial Patrona. [...] Um meio muito eficaz de promover e cultivar um verdadeiro espírito de piedade nas juvenzinhas é a devoção ao SS. Coração de Jesus. A pia prática da Hora de guarda, dos Nove Ofícios e da 1ª sexta-feira de cada mês [...] Os dois últimos dias de carnaval são considerados festivos no Oratório e, enquanto se procura entreter com os jogos, não esquecer de convidar as meninas para participarem das funções religiosas e da adoração ao Santíssimo Sacramento, segundo o costume dos vários lugares. Em caso de morte de uma oratoriana, a diretora avisará às companheiras reunidas, fará recitar o S. Rosário pela defunta, as convidará a fazer, em sufrágio, a S. Comunhão e, para recordá-la na sua piedade, deverá ser exposto, durante a oitava, sobre a porta da capela, um cartaz com os dizeres: rezem pela alma de..., chamada por Deus ao repouso eterno. No caso de morte de uma Benfeitora ou Patrona, proceder da mesma forma e providenciar para que uma representação das oratorianas participe dos funerais. Os sacramentos da Confissão e da Comunhão, se bem aceitos, são o edifício onde se constrói a vida espiritual. Sejam, portanto, empenho das irmãs. As adultas devem escolher um confessor estável. As irmãs devem ter caridade e diligência ao preparar as meninas à 1ª Comunhão, para inspirar nelas o grande desejo de receber Jesus, além de ter atenção sobre a idade das meninas à 1ª Comunhão e perceber o modo de cada uma. O dia da 1ª Comunhão deve ser solenizado para que as meninas sintam que este é o dia mais bonito de suas vidas. Nesse dia, elas renovarão as promessas batismais e farão a oferta do coração a Maria. (*Regulamenti*, pp. 24-26).

As Filhas de Maria Auxiliadora seguiram recomendações especiais para atuarem no Oratório Festivo: trabalhar com industriosa caridade e respeito recíproco entre as Irmãs; ter generosidade e espírito de sacrifício, fidelidade na observância dos regulamentos e resposta às normas recebidas da Diretora; ter espírito de fé e de obediência para um trabalho frutuoso; ser mãe afetuosa, interessar-se pelo bem das meninas de modo que sejam atraídas pelo Oratório e guardem lembranças quando dele se afastarem; ter um momento de descanso. O bom resultado do Oratório dependia, sobretudo, de caridade e paciência no trato com as crianças, além da benevolência, do zelo pela sua salvação moral e religiosa.

Em Cachoeira do Campo, a clientela do Oratório Festivo era composta por crianças oriundas de famílias pobres e remediadas da região. Crianças de qualquer condição social, mas, preferencialmente, aquelas mais pobres, abandonadas, portanto mais ignorantes. Era comum a presença dos alunos e alunas do Externato aos domingos, atraídos pela possibilidade de participação nos jogos e pelos brinquedos que tinham à disposição. A ex-aluna Orcina Pereira relembra, em seu testemunho, o aspecto recreativo do Oratório de Cachoeira do Campo:

«Quando comecei a freqüentar o Oratório Festivo no Colégio, era assim: chegávamos, éramos recebidas pelas irmãs e era só alegria. Brincávamos de roda aprendendo diversas cantigas, como Meu galinho, O Pião, Pai Francisco e outros até em italiano, como *Pianta la fava*, etc. Jogávamos Rei e outros jogos. Éramos muito felizes»<sup>23</sup>.

O Oratório Festivo de Cachoeira do Campo entrou em atividade no dia 20 de fevereiro de 1904, com apenas 12 moças. Na ocasião, a Madre Visitadora deu-lhes um pequeno livro e uma medalha de Maria Auxiliadora, animando-as a retornarem trazendo colegas. Na semana seguinte, apresentaram-se no Oratório 150 moças. A partir de 1905, a média de freqüentadores do Oratório girou em torno de 250.

O Oratório Festivo foi o ponto de encontro das crianças e das famílias cachoeirenses. Constituiu-se no espaço onde, de modo informal, descontraído e lúdico, se processou a aprendizagem, entendida numa visão mais ampla, não espontaneísta, mas integral.

### 3.2.2. Associações: Pia União das Filhas de Maria Imaculada e Santos Anjos da Guarda

As associações religiosas destinam-se a promover entre as meninas a prática da vida cristã. São de grande vantagem no Oratório. Servem para promover o bom exemplo, manter a piedade e desenvolver a vocação religiosa. Ainda em meados do século XIX, constatou-se a angelicalização da criança e da mulher, tornando a religião mais afetiva. Naquele momento difundiu-se a suave imagem da Imaculada Conceição e da figura confortadora do anjo da guarda. Isso originou a criação das Associações Marianas e dos Anjos da Guarda<sup>24</sup>. O incentivo à prática das Associações, a devoção mariana e eucarística foram uma tendência da Igreja brasileira nas primeiras décadas republicanas.

Em Cachoeira do Campo, as Associações Religiosas foram incrementadas com a chegada das Irmãs, especialmente a Pia União das Filhas de Maria e a Associação dos Santos Anjos. Ainda em 1904, no dia 08 de dezembro, houve a primeira admissão de Filhas de Maria, em número de 12. No mesmo dia, foram admitidas 15 aspirantes a Filhas de Maria.

A primeira admissão de Associados dos Santos Anjos, em número de 16, ocorreu em 8 de dezembro de 1909. Na ocasião, o capelão falou sobre a importância dessas Associações e as vantagens que elas abrem para as famílias<sup>25</sup>. Em geral, as admissões ocorriam durante a festa de Maria Auxiliadora, no mês de maio, e no dia 8 de dezembro, durante as solenidades de Imaculada Conceição. Eram sempre seguidas por uma academia (conversa).

<sup>23</sup> O. PEREIRA, *Relatos...*

<sup>24</sup> Maria Lúcia Spedo HILSDORF, *Pensando a Educação nos Tempos Modernos*. 2a ed. São Paulo, Edusp 2005, p. 117.

<sup>25</sup> *Crônicas...*

A existência das associações religiosas, como o Apostolado da Oração, a Conferência de São Vicente de Paula, as Damas da Caridade, a Pia União das Filhas de Maria, a União dos Moços Católicos, etc, contribuiu para controlar o laicismo estatal da Primeira República. Na época, o bispo D. Silvério Gomes Pimenta<sup>26</sup> lutava pela manutenção do ensino religioso na escola pública, reafirmando a necessidade de os católicos continuarem unidos e associados para não serem vencidos.

### 3.3. *A marca na sociedade local*

O que ficou registrado na mente e na vivência do povo cachoeirense, sobretudo das mulheres, foi a presença forte e incisiva das Irmãs, mulheres educadoras que venceram barreiras, enfrentaram desafios e deram corpo, naquela realidade, ao Sistema Preventivo de Dom Bosco e ao Espírito de família inaugurado por Maria Domenica e pela primeira comunidade de Mornese, que, por sua vez, se fundamentam na pedagogia do Evangelho. Atuaram através da pedagogia da presença, da assistência zelosa, do amor incondicional e exigente, com um único intuito: a promoção, a salvação daquelas meninas e meninos do povo, valorizaram e deram margem à criatividade inteligente na aplicação dos programas oficiais de ensino.

As irmãs souberam imprimir ali o modo peculiar de atuar na educação, a profundidade da ciência e a intensidade da fé. Deram uma contribuição significativa à educação mineira, na aplicação criativa e competente dos programas, extrapolando os limites dos mesmos e criando, na precariedade, o jeito persuasivo e profundo de educar.

A marca educativa deixada pelas Irmãs na sociedade cachoeirense se expressa especialmente através daqueles que freqüentaram a obra de educação e está calçada no Sistema Preventivo: razão e fim da pedagogia salesiana, que se faz método e espiritualidade, perpassando a integralidade formativa do sujeito de sua ação.

Ser presença significativa é uma tarefa exigente e requer um empenho total do educador. É criar proximidade. Essa postura exige de quem educa uma clara noção do processo e uma pronta inteligência do momento, além da perspicácia de combinar, com sensatez, uma boa dose de praticidade com uma significativa veia teórica. Fazer-se presença construtiva para o educando é a primeira e primordial tarefa de um educador que aspire assumir um papel realmente emancipador na existência de seus educandos. As Irmãs não vieram fazer menos<sup>27</sup>.

A pedagogia da presença possibilita uma relação diferenciada entre educador e educando, que experimentam a reciprocidade,

<sup>26</sup> Dom Silvério Gomes PIMENTA, *Cartas Pastorais*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro e Maurilo 1921, pp. 95-97.

<sup>27</sup> Antonio Carlo Gomes DA COSTA, *Pedagogia da Presença: da solidão ao encontro*. Belo Horizonte, Modus Faciendi 1997, p. 53.

«[...] a interação na qual duas presenças se revelam mutuamente, aceitando-se e comunicando, uma à outra, uma nova consistência, um novo conteúdo, uma nova força, sem que, para isso, a originalidade inerente a cada uma seja minimamente posta em causa»<sup>28</sup>.

As irmãs souberam incutir nos educandos, a capacidade de ultrapassarem a si mesmos, especialmente as meninas de dar um passo além na visão de mundo.

A simpatia da população pelas Irmãs desde a chegada propiciou, paulatinamente, essa experiência de reciprocidade e de ajuda, pela qualidade do ensino e das relações humana e religiosa. Essa é a peculiaridade deixada entre os ricos, os intelectuais, as autoridades políticas e eclesiais. Mais ainda entre os mais pobres, seus destinatários prioritários.

## Conclusão

No primeiro quartel do século, o arraial de Cachoeira do Campo teve um escasso desenvolvimento. Isso refletiu no funcionamento do Externato e do Internato, que se mantiveram estáveis em número de matrículas. A formação religiosa, entretanto, ganhou um cunho especial através da organização do Oratório Festivo e das Associações: Pia União das Filhas de Maria e Santos Anjos.

A chegada das irmãs trouxe um novo alento para a população e tornou-se uma resposta educativo-religiosa em um contexto laicista, consolidado na separação de Igreja e Estado. Em um período de grandes mutações e resquícios de decadência, as Irmãs se instalaram no arraial, inicialmente atendendo a uma demanda governamental de administração do ensino público e, a partir daí, desenvolveram uma obra educativa mais abrangente, para sempre impressa no tempo e na história de Cachoeira. Ali ficou registrado o modo peculiar da presença educativa salesiana, a capacidade de adaptabilidade das salesianas, que, na decadência, fizeram emergir novas possibilidades para aquela população.

## Fontes

*Arquivo da Cúria Metropolitana de Mariana*

Dom Silvério Gomes PIMENTA, *Cartas Pastorais*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro e Maurilo 1921.

*Arquivo Público Mineiro*

Termos de Visitas dos Inspectores Técnicos de Ensino

*Arquivo da Inspeção Madre Mazzarello, Belo Horizonte – FMA/BBH*

Sintonizando. Belo Horizonte, n. 96, março-abril de 1988.

Dados de 2005, Belo Horizonte. in «Elenco 2005»

<sup>28</sup> BRASIL, *Constituição do Brasil*, 1891.

*Arquivo da Escola Nossa Senhora Auxiliadora, Cachoeira do Campo, [s.d].*  
Orfanato Nossa Senhora Auxiliadora. [s.d]. Cachoeira do Campo – Minas. Cachoeira do Campo, 1968. (Texto não publicado).  
Crônicas da Escola Nossa Senhora Auxiliadora, 1904-1926.  
Stella Maria MARTINS, *Resumo Histórico 1904-1996*. Cachoeira do Campo, 1996. (Texto não publicado).  
Atas do Orfanato Nossa Senhora Auxiliadora, 1932.

*Arquivo da Inspeção Santa Catarina de Sena – São Paulo*  
*Regolamenti per gli Oratori Festivi e per i Giardini d'infanzia*. Torino, tip. Silvestrelli e Cappelletto 1912.  
GENGHINI Clelia, *Collezione di Elementi di Metodica ed altre Norme per le Maestre*. 1907.

*Centro de Documentação e Pesquisa – SDB/Barbacena*

*ACSSA – Associazione Cultori Storia Salesiana – Roma.*  
La prima sintesi ufficiale della tradizione educativa dell'Instituto delle FMA: Il Manuale de 1908 (Atti del Seminario di Vienna, 2004)  
DUNCAN DE MIRANDA Ivanette – DE O DIAS Ana Luiza F., *Escola Normal Maria Auxiliadora: Patrimônio Moral e Intelectual de Minas Gerais na Formação da Mulher*. Ponte Nova, Minas Gerais – Brasil (1893-1922).

*Ludo do Museu, Ouro Preto*

*Jornal Região Cultural*  
Informativo Cultural de Cachoeira do Campo e Região – Ano 1, nº 0, 1, 2, 3 e 4 (2002, 2003).

*Relato Oral*, 2005. Orsina Pereira

*Relato Oral*, 2005. Terezinha Pedrosa

## **Bibliografia**

*A obra salesiana no Brasil no seu cinquentenário: 1883-1933*. São Paulo, Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1933.

AZZI Riolando, *As Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil: cem anos de história*. São Paulo, Instituto Filhas de Maria Auxiliadora 1999/2002, v. 2.

–, *Os Salesianos no Brasil: à luz da história*. São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco 1982.

–, *Os Salesianos em Minas Gerais*. São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco 1986, v. 1.

BRASIL, *Constituição do Brasil*, 1891.

CHAGAS Carlos, *Política, Arte de Minas*. Belo Horizonte, Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais 1993.

CHIARI Chiari, *La Dottrina Cattolica e la Pedagogia*. Torino, Scuola Tip. Salesiana 1918.

DA COSTA Antonio Carlo Gomes, *Pedagogia da Presença: da solidão ao encontro*. Belo Horizonte, Modus Faciendi 1997, p. 3.

FARIA FILHO Luciano Mendes de – VEIGA Cynthia Greive, *Educação: Instrução e Processo Civilizatório*. In «Minas Gerais: Brasil 500 anos». Edição Especial. Junho de 2000.

HILSDORF Maria Lúcia Spedo, *Pensando a Educação nos Tempos Modernos*. 2a ed. São Paulo, Edusp 2005.

MARCIGAGLIA Luiz, *Os Salesianos no Brasil. Ensaio de crônica dos primeiros vinte anos da Obra de Dom Bosco no Brasil (1883-1903)*. São Paulo, Salesiana 1956, v. 1.  
– *Os Salesianos no Brasil. Ensaio de crônica dos segundos vinte anos da Obra de Dom Bosco no Brasil (1883-1903)*. São Paulo, Salesiana 1958, v. 2.

MOURÃO Paulo Kruger Correa, *O ensino em Minas Gerais no Tempo da República*. Belo Horizonte, Centro Regional de Pesquisas Educacionais 1962.

RAMOS Lúcio Fernandes, *Cachoeira do Campo: a filha pobre de Ouro Preto*. Belo Horizonte, São Vicente [s.d.]

SECCO Michelina – CALOSSO Carmela, *Facciamo Memoria. Cenni biografici delle fma defunte nel 1931*. Roma, FMA 1991, pp. 74-76.

–, *Facciamo Memoria. Cenni biografici delle fma defunte nel 1941*. Roma, FMA 1995, pp. 94-98.

– *Facciamo Memoria. Cenni biografici delle fma defunte nel 1949*. Roma, FMA 1997, pp. 159-163.

– *Facciamo Memoria. Cenni biografici delle fma defunte nel 1950*. Roma, FMA 1997, pp. 297-301.

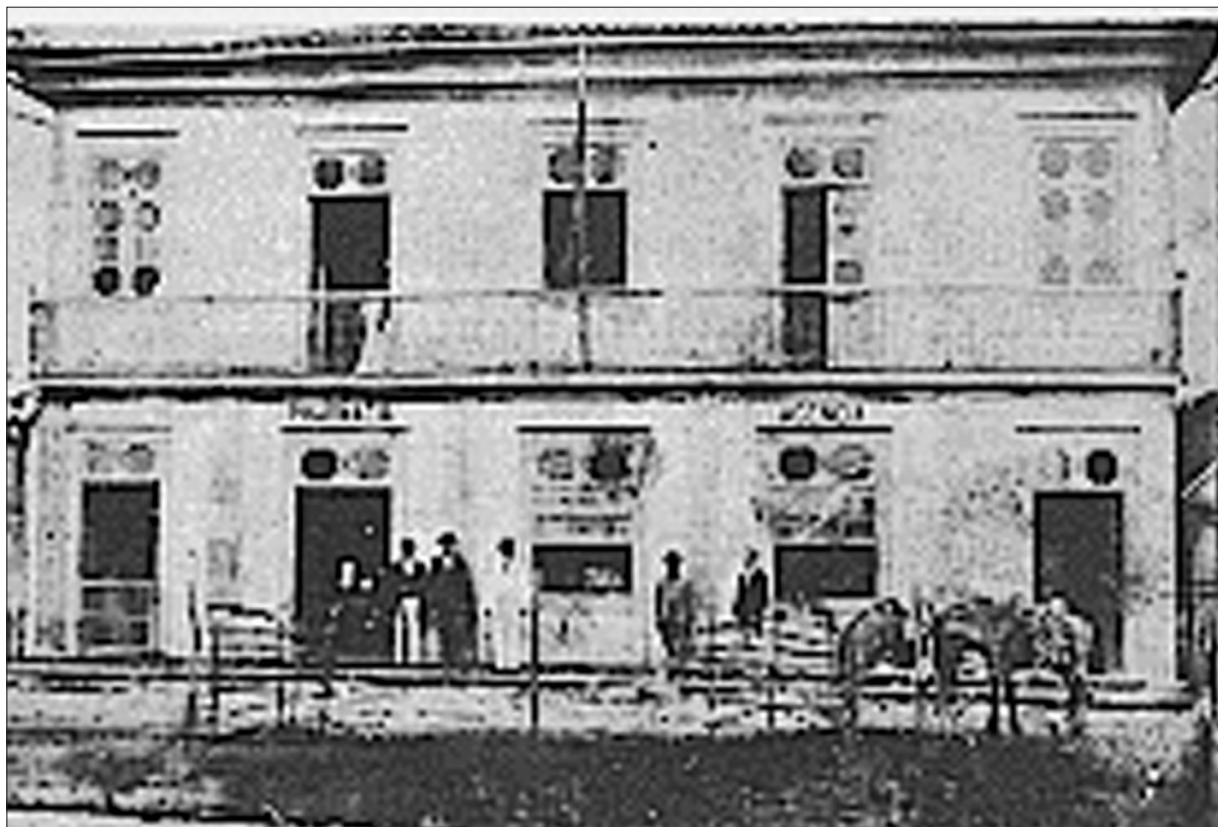
–, *Facciamo Memoria. Cenni biografici delle fma defunte nel 1952*. Roma, FMA 1998, pp. 373-375.

– *Facciamo Memoria. Cenni biografici delle fma defunte nel 1956*. Roma, FMA 1999, pp. 55-58.

VIDAL Diana Gonçalves – FARIA FILHO Luciano Mendes de, *História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970)*, in «Revista Brasileira de História», São Paulo, 23, nº 45 (2003) pp. 57-70.

WIRTH Morand, *Dom Bosco e os Salesianos*. São Paulo, Editorial Dom Bosco 1971.





Sobrado onde se iniciou a obra com o Externato



Primeira escola municipal



Primeira comunidade